

## Resenha

Bianchi, Alvaro. *Fascismo e liberalismo – afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2026. ISBN 9786557175453

**Demian Melo\***

Por sua associação a uma das experiências mais traumáticas do século XX, em um contexto de ascensão e consolidação da ultradireita no cenário internacional, a palavra “fascismo” vem conhecendo uma espécie de inflação. Tem sido bastante comum em títulos de livros, artigos, vídeos e singelos posts em redes sociais sem que esse uso se dê por critérios razoáveis. O uso ligeiro do termo pode ser encontrado no vocabulário político por boas e más razões. No terreno das boas intenções, muitos aguerridos militantes de esquerda costumam usá-la para se referir aos mais ferozes de seus inimigos políticos, especialmente aqueles responsáveis por liderar a repressão política. Regimes de exceção que prenderam, torturaram, mataram, desapareceram com os corpos, ao mesmo tempo em que censuraram e acabaram com liberdades democráticas já receberam e recebem o epíteto de “fascista”. No outro polo do espectro político, mais recentemente publicistas de direita, sem o menor escrúpulo, ajudaram a ampliar a vulgarização da palavra, buscando associá-la ao campo político da esquerda.

Caminhando paralelamente a esse mar de usos imprecisos, emergiram análises densas sobre o fenômeno desde o contexto do entreguerras na primeira metade do século XX, quando do surgimento do chamado fascismo histórico. Posteriormente, em especial a partir da década de 1960 conformou-se uma historiografia profissional consolidando um campo de pesquisa que sempre envolveu a contribuição de outros cientistas sociais. Entre seus contemporâneos, marxistas como Clara Zektin, Antonio Gramsci, Leon Trotski, Palmiro Togliatti, Angelo Tasca se destacaram como os mais argutos analistas do fascismo, em análises críticas sobre um inimigo que deveria ser urgentemente combatido. (cf. Beetham, 1984) Entretanto, a presença dos marxistas na formação do campo historiográfico profissional foi menos significativa, havendo maior presença de modelos weberianos informando as pesquisas que ganharam maior repercussão nas últimas décadas.<sup>1</sup> As razões dessa virada fogem ao escopo desse texto, pois certamente envolvem a relação de forças políticas que permeiam o sistema acadêmico ocidental, embora não possa ser lida apenas a partir dessa determinação, pois, no mesmo Ocidente, outros campos de pesquisa histórica tiveram presença marxista, se não hegemônica, ao menos incontornável.

Seja como for, esses deslocamentos de enfoques teórico-metodológicos acabaram implicando a formação de certas agendas de pesquisa, vez por outra sacrificando ou marginalizando alguns assuntos em detrimento de outros. Por exemplo, quando escreveu *The anatomy of fascism* (2004), o historiador estadunidense Roberto O. Paxton buscava contrapor-se a uma forte tendência historiográfica que valorizou bastante o estudo das ideias fascistas em detrimento das práticas políticas dos fascistas no período entreguerras. Não por acaso, a publicação de seu livro sofreu duras críticas de dois representantes da tendência dominante, como as resenhas iradas de Zeev Sternhell e Roger Griffin que basicamente acusaram o livro de Paxton de ser um estudo que supostamente teria ignorado todos os ganhos do campo de estudos nas últimas décadas. (Sternhell, 2005; Griffin, 2004) No caso de Sternhell, esse também estava criticando a recepção positiva dada por Adrian Lyttelton ao livro de Paxton. Lyttelton havia ganhado fama na década de 1970 com o livro *The seizure of power* que, bastante inspirado no marxismo gramsciano, havia estudado a transição da Itália liberal para a Itália fascista, suas rupturas e continuidades.

Em reação à tendência de priorizar o estudo das ideias fascistas, alguns historiadores marxistas chegaram a censurar a própria opção em si, quase como se esse pro-

---

\* Professor de História Contemporânea do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da UFF, campus Angra dos Reis. Contato: demian\_pesquisa@yahoo.com.br

<sup>1</sup> A noção de tipo ideal é encontrada em autores como Ernst Nolte, Stanley Payne e Roger Griffin, cujos trabalhos incontornáveis vem moldando a historiografia desde a década de 1960.

cedimento pudesse esconder uma espécie de normalização dessas ideias. (p. ex. Renton, 2024) Antes disso, autores como Norberto Bobbio chegariam mesmo a duvidar da existência de uma ideologia fascista como objeto de estudo, algo estranhamente incorporado por autores de esquerda talvez pouco íntimos da instigante literatura marxista sobre o conceito de ideologia.

Num caminho bastante diverso se encontra o livro *Fascismo e liberalismo – afinidades seletivas*, do cientista político marxista Alvaro Bianchi, que, ao contrário, apresenta um estudo sobre os debates intelectuais que fizeram parte da história do fascismo italiano. Conhecido por seus estudos sobre o pensamento de Antonio Gramsci, Bianchi (2008, 2020, 2021) encontra-se entre os principais estudiosos desse autor marxista, pertencente a uma nova geração de pesquisadores empenhados em procedimentos metodológicos mais avançados no exame dos *Cadernos do cárcere*, o principal corpo de escritos deixados pelo dirigente comunista italiano. A ampliação do escopo de autores com os quais Gramsci dialogou, além dos marxistas, aqueles do próprio pensamento político da península itálica, tem tornado a leitura de Gramsci muito mais rica por uma geração que hoje inclui nomes como o inglês Peter Thomas, italianos como Fabio Frosini, Massimo Modonesi e latino-americanos como o próprio Bianchi (um uruguaio radicado no Brasil). Certamente por isso, esse estudioso do marxista sardo empreendeu uma pesquisa interessada no fenômeno político que marcou as primeiras décadas do século XX, e que tragicamente determinou a própria vida de Gramsci.<sup>2</sup>

Naturalmente, a emergência e normalização da ultradireita no plano internacional, especialmente com o advento do trumpismo, a performance de grupos políticos com raízes no fascismo histórico na Europa e o bolsionarismo no Brasil, motivaram a pesquisa apresentada por Bianchi nesse livro. O comentado uso sem muito critério da palavra fascismo para descrever todos esses fenômenos pode ganhar muito com um estudo criterioso que, além do problema da relação entre ideias fascistas e de outras direitas no período entreguerras, traz também uma incursão sobre desdobramentos recentes na França e na Itália, com extremas-direitas lideradas respectivamente por Marine Le Pen e Giorgia Meloni, e as relações entre neofascismo e pós-fascismo como categorias capazes de descrevê-las.

Destarte, em *Fascismo e liberalismo* o autor demonstra bastante intimidade com a prolífica historiografia profissional e vai além, apresentando uma contribuição original para esse campo de pesquisa. Uma contribuição de certo modo já reconhecida nesse campo internacional de estudos, na medida em que o capítulo 4, em que desenvolve um dos argumentos centrais do livro foi originalmente publicado na revista *Fascism – Journal of Comparative Fascist Studies*, editada pelo influente historiador britânico Roger Griffin. (Bianchi, 2024)

### **Fascismo e liberalismo**

Nos manuais de teoria política, assim como em alguns tipos ideais consagrados na historiografia, é bastante comum encontrar a ideologia fascista como definida tanto pelo seu evidente anticomunismo, quanto por seu antiliberalismo. (p. ex. Payne, 1980, p. 5-7 *et al*) Aspectos centrais do liberalismo político, como as noções de direitos e liberdades individuais, sistema representativo, divisão dos poderes etc., foram abolidas pelos regimes fascistas. Isso é um fato. Mas como se comportaram os liberais propriamente ditos naquele contexto?

O estudo de Bianchi nos lembra que foi ninguém menos que Giovanni Giolitti, eminente liberal italiano que havia liderado sucessivos gabinetes antes da Primeira Guerra Mundial, que trouxe o Partido Nacional Fascista para o Bloco Nacional, a chapa das direitas tradicionais nas eleições de 1921, possibilitando que 34 fascistas chegassem ao parlamento italiano pela primeira vez. Outros eminentes liberais saudaram a chegada de Mussolini ao poder em outubro de 1922, como o então deputado Giovanni

<sup>2</sup> Com o propósito de discutir a atualidade do problema do fascismo na Índia, o saudoso crítico cultural Aijaz Ahmad assinalou que esse assunto atravessa os Cadernos do Cárcere, e é possível concordar com ele já que os principais conceitos desenvolvidos naqueles Cadernos (crise de hegemonia, novo bloco histórico, revolução passiva, guerra de posição, transformismo etc.) servem para iluminar o fenômeno. Deste modo, não é estranho que um estudioso de Gramsci acabe por desenvolver um interesse mais pronunciado sobre o fascismo, em especial o caso italiano. Cf.: Ahmad (2002, p. 261)

Amendola e o filósofo napolitano Benedetto Croce. Ambos viram na chegada dos fascistas ao poder uma medida necessária para impedir o avanço dos socialistas. Enquanto esses dois tiveram a oportunidade de voltar atrás, com Croce reconstruindo sua biografia como um opositor do regime, e Amendola sendo uma das primeiras vítimas famosas do fascismo no poder, Bianchi entra em casos mais delicados como o do eminente economista e cientista político Vilfredo Pareto, que terminou seus dias como apoiador do fascismo.

Para os íntimos com a historiografia, esses casos são mais que conhecidos. Contudo, *Fascismo e liberalismo* vai além e discute a contribuição de autores que, oriundos do pensamento liberal, passaram-se ao fascismo e buscaram compreendê-lo como uma via de atualização da Direita Histórica, o grupo liberal-antidemocrático que dominou a política italiana entre o período do Rissorgimento (1848-1861) e a ascensão de Agostino Depretis, em 1876. Essa era a visão, por exemplo, que o filósofo neoidealista Giovanni Gentile tentou defender sobre o lugar do fascismo na história do país, e nesse caso estamos falando de um autor que além de ter migrado do liberalismo ao fascismo, ocupou posições importantes no regime, seja como ministro da Instrução Pública, seja como autor de textos canônicos do regime, como o famoso verbete “Fascismo” para a *Enciclopedia Italiana* em 1932, escrito conjuntamente com o próprio Mussolini, e com contribuições do historiador Gioacchino Volpe, também um fascista com origem no liberalismo. Bianchi discute todo o debate doutrinário que esteve por trás da redação desse texto e as razões pelas quais apenas o *Duce* o assinou.

Em certo sentido é possível localizar *Fascismo e liberalismo* como um estudo que participa da mesma agenda de pesquisa presente no instigante livro de Clara Mattei, *A ordem do capital*, (Mattei, 2023) que explora o apoio de liberais econômicos à implantação do regime fascista na Itália (representado por nomes como Luigi Einaudi, Umberto Ricci, Matteo Pantaleoni e Alfredo de Stefani, esses dois últimos membros do Partido Nacional Fascista), quando a destruição de um dos mais combativos movimentos operários do mundo criou um importante campo de investimento para capitalistas ingleses e estadunidenses, como também um primeiro ciclo de experimentação das chamadas políticas de austeridade. O estudo de Bianchi lança luz sobre o colaboracionismo de outros liberais.

Se o livro explora a relação entre diversos liberais italianos com o fascismo, por outro lado não cai na vulgata segundo a qual não existe distinção significativa entre essas duas ideologias, o Liberalismo e o Fascismo. Em tempos de popularização de discursos simplificadores na velocidade das redes sociais, dos memes como argumento, não é incomum encontrar a reprodução dessa visão entre pessoas bem-intencionadas na esquerda. A elas recomendam-se estudos como esse, que explora essas contradições sem cair em simplificações grosseiras.

Pois é seguramente verdade que o compromisso de muitos liberais com as liberdades democráticas falhou ao longo da história. A história da América Latina está recheada de exemplos de liberais que justificaram a escravidão, o colonialismo e que, por exemplo, usaram o princípio da resistência à opressão para tramar golpes de Estado e apoiar ditaduras. E nós marxistas sabemos que mesmo a ideia de que a própria democracia liberal é somente um desdobramento espontâneo das intenções inscritas na tradição política inaugurada com John Locke no fim do século XVII e consagrada na Constituição de 1783 não passa de um discurso ideológico. (cf. Wood, 2003) Entretanto, não reconhecer a diferença fundamental entre viver sob um regime de exceção (como um regime fascista ou uma ditadura militar) e uma democracia liberal, mesmo que precária, nunca produziu bons resultados políticos.

## Referências

- AHMAD, Aijaz. “Fascismo e cultural nacional: lendo Gramsci nos tempos da *Hindutva*”. In: AHMAD, Aijaz. *Linhagens do presente*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- BEETHAM, David (org.). *Marxists in face of fascism*. Writings by Marxists on fascism from the inter-war period. Nova Jersey: Barnes & Noble Books, 1984.
- BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci*. São Paulo: Alameda, 2008.
- BIANCHI, Alvaro. *Gramsci's laboratory: philosophy, history and politics*. Leiden: Brill, 2020.
- BIANCHI, Alvaro. *Gramsci entre dois mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

- BIANCHI, Alvaro. Fascism, “Anti-Liberalism and Liberalism in Italy”. *Fascism – Journal of Comparative Fascist Studies*, v. 12, n. 2, nov, 2024.
- BIANCHI, Alvaro. *Fascismo e liberalismo – afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2026.
- GRIFFIN, Roger. “Resenha de PAXTON, Robert O. *The anatomy of fascism*”. *American Historical Review*, Nova York, v. 109, n. 5, dez, 2004, p. 1530-1531.
- MATTEI, Clara. *A ordem do capital*. Como economistas inventaram a austeridade e abriram caminho para o fascismo. São Paulo: Boitempo, 2023.
- PAXTON, Robert O. *The anatomy of fascism*. Nova York: Alfred A. Knopf, 2004.
- PAYNE, Stanley. *Fascism: comparison and definition*. Londres: University of Wisconsin Press, 1980.
- RENTON, David. *Fascismo – história e teoria*. São Paulo: Usina, 2024.
- STERNHELL, Zeev. “Carta aos editores”. *New York Review of Books*, Nova York, v. 52, n. 8, 12 de maio, 2005.
- WOOD, Ellen M. *Democracia contra capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2003.

Recebido em 17 de março de 2026  
Aprovado em 29 de abril de 2026